

BECOS DA MEMÓRIA: UMA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Becos da memória: An Afro-Brazilian literature

Cristiane Antunes*

Suas personagens são negras e vivem como domésticas, mendigas, faveladas, presidiárias. Mas são, sobretudo, mulheres de fibra, lideranças, referências comunitárias (DUARTE, 2011, p. 173).

RESUMO: O presente trabalho propõe algumas reflexões, não conclusivas, acerca das questões sociais, políticas e étnicas problematizadas no romance contemporâneo *Becos da Memória*, da autora mineira Conceição Evaristo. Essa escritora é uma mulher negra, filha de lavadeira, que venceu a pobreza, as injustiças sociais e o preconceito. É hoje, doutora em Literatura Comparada. Tem obra traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos (Ponciá Vicêncio 2008 – que se encontra em processo de tradução para a língua francesa) e textos em antologias estrangeiras. Nossas considerações finais apontam para uma obra consistentemente afro-brasileira, visto que reflete a busca da identidade e da resistência do negro no Brasil, resgata a ancestralidade africana e ainda reivindica um lugar para a escritora negra, desconstruindo a ideia de literatura como *instituição* branca ou europeia.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira; Conceição Evaristo; *Becos da Memória*.

ABSTRACT: *The present work proposes some thoughts, not conclusive, about the social, political and ethnic questions that have been problematized in the contemporary novel: Becos da Memória by Conceição Evaristo. This writer is a black woman, which is daughter of a laundress, who overcame poverty, social injustice and the prejudice. She is a PhD in Comparative Literature. She has work translated into English and published in the United States of American (Ponciá Vicêncio 2008 - which is in the process of translation into French). She has texts in foreign anthologies. Our conclusions point that the literature by Conceição Evaristo is consistently Afro-Brazilian literature, as it reflects the search for identity and the black resistance in Brazil, rescues African ancestry and still claims a place for the black writer, deconstructing literature idea as white or European institution.*

Keywords: *Afro-Brazilian Literature; Conceição Evaristo; Becos da memória.*

*Cristiane Rodrigues Antunes da Silva é mestranda em Letras /Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Montes Claros, Minas Gerais, Brasil; CAPES; Cristiane_antunesvzp@yahoo.com.br

1 Sobre a autora



Figura 1: Conceição Evaristo.
Fonte: Disponível em:<http://goo.gl/fF9jrH>

Maria da Conceição Evaristo Brito nasceu em 1946, em uma favela da zona sul de Belo Horizonte, Minas Gerais. Passou sua infância num barraco apertado junto com seus nove irmãos. É negra e filha de lavadeira. Foi empregada doméstica e teve de conciliar o serviço com os estudos até se formar, aos vinte e cinco anos, no curso Normal, em 1971. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso público para o magistério e, posteriormente, cursou Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (1990), pois tinha grande paixão por literatura. Era leitora de Jorge Amado, José Lins do Rego, Guimarães Rosa, Drummond e, principalmente, Carolina Maria de Jesus.

Tendo entrado em contato com o *Grupo Quilombhoje* na década de 1980, estreou na literatura em 1990, publicando no décimo terceiro volume dos *Cadernos Negros* dessa organização o poema *Vozes-mulheres*, considerado um manifesto da voz feminina e memorialista. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio (1996), e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011). Tem obra traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos (*PonciáVicêncio* 2008 –

que se encontra em processo de tradução para a língua francesa) e textos em antologias estrangeiras. Foi finalista do *Prêmio Portugal de Telecom* (2009) e escritora homenageada no *XIV Seminário Nacional* e no *V Seminário Internacional Mulher e Literatura* (2011). Sua obra mais recente, *Olhos D'água* (2014), contempla o terceiro lugar do prêmio Jabuti 2015. A obra de Conceição Evaristo é objeto de estudo no Brasil e no exterior, resultando em dissertações, ensaios, inúmeros artigos em periódicos. Suas obras apresentam as afrodescendentes como protagonistas, abordando a violência de raça, de gênero e classe social.

Conceição Evaristo escreveu, ainda pela editora Quilombhoje, na antologia *Contos Afros*. Teve participação em outras antologias: *Contos do mar sem fim* (Editora Pallas), *Questão de pele* (Língua Geral), *Schwarze prosa* (Alemanha, 1993), *Movingbeyondboundaries: internationaldimensionofblackwomen'swriting* (1995), *Womenrighting – Afro-brazilianWomen's Short Fiction* (Inglaterra, 2005), *FinallyUs: contemporaryblackbrazilianwomenwriters* (1995), *Callaloo*, vols. 18 e 30 (1995, 2008), *FourteenfemalevoicesfromBrazil* (EUA, 2002), *Chimurenga People* (África do Sul, 2007) e *Brasil-Africa: Como se fosse mentira* (Brasil/ Angola, 2006). Publicou os romances *PonciáVicêncio* (2003) e *Becos da Memória* (2006); *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008); e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011).

A pesquisadora Constância Lima Duarte tem se debruçado sobre essas literaturas. Publicou o artigo *Violência de gênero nos contos de Conceição Evaristo*, no livro *Literatura, vazio e danação*¹, discorrendo sobre a importância da temática da violência contra as mulheres, abordada por Conceição Evaristo nos traz desde seus primeiros contos nos *Cadernos Negros* e principalmente em *Insubmissas lágrimas de mulheres* que, segundo ela, “é a prova do amadurecimento ficcional”² da autora. Posteriormente, um estudo mais profundo da escrita dessa autora resultou em outro texto intitulado *Gênero e violência nos contos de Conceição Evaristo*, publicado na primeira parte: *Transgressoras e insubmissas mineiras*; do livro *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*³, publicado recentemente.

¹ Organizado por Osmar Pereira Oliva, publicado em 2013, pela editora Unimontes.

² DUARTE, Constância Lima, 2013, p. 115.

³ Organizado pelas pesquisadoras Cláudia Maia e Vera Puga, publicado em dezembro de 2014, pela editora Mulheres.

Entretanto, ainda há poucos estudos sobre *Becos da memória*. A pesquisadora Eliane T. A. Campello publicou, em 2012, um artigo nos anais XIV Seminário Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura, que discorre sobre o fato de o discurso das escritoras negras serem de resistência e de busca de identidade. A epígrafe deste trabalho reforça essa resistência negra, que, em Conceição Evaristo, é destacada principalmente na mulher negra. Conforme as observações de Eduardo Duarte (2006, p. 306), as narrativas da autora são voltadas “para a construção de uma imagem do povo negro infensa aos estereótipos e empenhada em não deixar esquecer o passado de sofrimento, mas, igualmente, de resistência à opressão”. De acordo com o pesquisador, a autora constrói uma narrativa “empenhada em figurar a mulher não a partir de seus dotes físicos, mas pelas atitudes de luta e resistência, e de sua afirmação enquanto sujeito” (DUARTE, 2011, p. 173). As vozes, tanto das personagens quanto da autora, expõem o ponto de vista de quem sempre foi duplamente marginalizada: a afrodescendente, por ser mulher e por ser negra. Então, nos propomos a estudar neste artigo essa literatura afro-brasileira, que rememora um passado coletivo, dando voz às excluídas tanto da literatura, como da sociedade.

2 A rememoração do passado coletivo dos afrodescendentes

Becos da Memória, de Conceição Evaristo, é uma literatura afro-brasileira. Embora o conceito desse tipo literário se encontre, ainda, em formação, o que queremos dizer é que essa obra possui os três critérios que, segundo Célia Regina dos Santos e Vera Helena Gomes Wielewicki, são comumente usados para conceituar a literatura afro-brasileira: “o critério étnico (ligação da obra à origem negra ou mestiça do autor); o critério temático (conteúdo literário relacionado aos temas referentes à cultura afro-brasileira); e o que chamaremos de transgressão (o texto como forma de reivindicação e resistência)” (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 342).

Como vimos, Conceição Evaristo é uma mulher negra, o que assevera o primeiro critério. Sobre o segundo critério, é importante ressaltarmos que o negro já havia sido tema nas obras canônicas, mas não com a proposta de “desconstruir a história da escravidão, discriminação e preconceito, para construir uma literatura específica da causa afro-brasileira em seus aspectos étnicos, históricos, sociais e psicológicos” (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 342). Quanto ao terceiro e mais relevante critério –

visto que é ele que torna uma obra essencialmente afro-brasileira –, não há dúvidas, a obra de Conceição Evaristo tem caráter transgressor: em *Becos da Memória*, a autora apresenta uma narrativa que denuncia a exploração e as injustiças individuais e coletivas sofridas pelos moradores de uma favela que passava por um processo de desfavelamento. O romance também retoma, através das lembranças de alguns personagens, a questão da exploração do negro durante o período que sucedeu a abolição da escravidão no Brasil, desmistificando tanto a “democracia racial”, que simulava uma sociedade etnicamente harmônica, quanto os estereótipos dos negros, criados pelo cânone, no início do século XX. Mário de Andrade, em *O turista aprendiz*, fala sobre esse aproveitamento superficial tanto das culturas dos afrodescendentes como das indígenas, indicando sua “folclorização”:

Há uma espécie de sensação ficada da insuficiência, de sarapintação, que me estraga todo o europeu cinzento e bem arranjadinho que ainda tenho dentro de mim [...] de que o Brasil, em vez de se utilizar da África e da Índia que teve em si, desperdiçou-as, enfeitando com elas apenas a sua fisionomia, suas epidermes, sambas, maracatu, trajes, cores, vocabulários, quitutes [...] E deixou-se ficar, por dentro, justamente naquilo que, pelo clima, pela raça, alimentação, tudo, não poderá nunca ser, mas apenas macaquear a Europa. (SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 339)

A protagonista é Maria-Nova, uma afrodescendente de 13 anos. Maria-Nova era filha de Mãe Joana, com elas também moravam Tio Totó e Maria-Velha, a terceira mulher dele. Ela observa tudo o que acontece na favela e também as histórias contadas por Bondade, Tio Totó e Maria-Velha, com a intenção de um dia poder contá-las.

Vó Rita era gorda e alta. Tinha voz grave. “Tinha voz de trovão” (EVARISTO, 2013, p. 44). Ela morava em outro barraco com a Outra, a personagem leprosa, que só tinha o amor e os cuidados de Vó Rita. Todos os demais a discriminavam. “Vó Rita dormia embolada com ela”. Vó Rita tinha um coração muito bom.

Tio Totó era filho de escravos, nascera do ventre livre, mas ele e os outros negros continuaram a trabalhar na fazenda, pois não tinham para onde ir, nem como se sustentar. Até que um dia os donos, estando em má situação, venderam a fazenda e os libertaram. Tio Totó era um homem já velho e de vida muito sofrida, passara por muitas perdas e ficara viúvo duas vezes. Tio Totó perdera também os filhos, lamentava por ainda viver. Desejava a morte, mas, apesar disso, vivia sorrindo, gargalhando. Dizia que era para espantar a tristeza.

Maria-Velha era uma mulher bonita e triste. Era descendente de escravos. Seu pai, Luisão, ficara meio louco depois de ver a irmã, uma escrava mãe-de-leite, ser vendida por ter se rebelado contra o sinhô. Luisão conversava com o pai “naquela língua distante. O pai pensava que o garoto só soubesse falar linguagem dos brancos. Qual nada! Surpresa e alegria, Luís falava aquela linguagem tão bonita!” (EVARISTO, 2013, p. 52). O excerto assevera uma das três constantes discursivas encontradas na literatura afro-brasileira discutidas por Zilá Bernd, a construção de uma cosmogonia: “aquela língua bonita” seria a língua identitária dos afrodescendentes, uma ligação com as origens dos negros trazidos da “Mãe-África”. Cito:

Construção de uma cosmogonia: a referência às origens tem o objetivo de pôr fim ao estereótipo do povo sem origem (não só ligações com a “Mãe-África” mas com a história de seus antepassados desde o Brasil colônia). Por exemplo, o quilombo é visto na literatura negra como uma metáfora de liberdade, organização social, harmonia e justiça. Faz-se então necessária a ênfase à criação de modelos de identificação como Ganga Zumba e Zumbi de Palmares. Assim, a busca por uma identidade, o negro precisa resgatar a sua memória coletiva (tradições africanas) e nacional (releitura da história do negro no Brasil para verter estereótipos criados ao longo da mesma) (BERND, 1987, p.133-136).

Passados alguns anos que Luisão ficara sumido, ele volta e chama o pai para fugirem da fazenda. Havia descoberto que a escravidão há muito tinha acabado. “Nem vender Iya, a mãe, com os filhos, nem vender Ayaba, minha irmã podiam”. Na verdade a lei emancipadora já estava em vigor desde 13 de maio de 1888, mas muitos ainda a desconheciam.

Tio Tatão – assim como Bondade, Maria-Velha e Tio Totó – também contava histórias para Maria-Nova. Ele também era porta-voz de uma realidade que rememorava um passado coletivo. Tio Tatão contava histórias de guerra. Dizia que só conseguira entrar para o serviço militar porque era preciso recrutar mais soldados. Eles tinham a promessa de que quando voltassem seriam libertados, mas não foi isso que aconteceu. Apesar das datas não coincidirem, já que as histórias de Tio Tatão remetem a um passado não muito distante de 1986 – data que aparece no final da narrativa do romance – é possível observar que as aventuras dele parecem se referir a esta mesma história do abolicionismo do historiador norte-americano Thomas E. Skidmore. Cito:

Côncio dessa aparente contradição de ter escravos a lutar ombro a ombro com homens livres, o governo imperial decretou em novembro de 1866 – pouco depois de responder aos abolicionistas franceses – que esses escravos em serviço militar receberiam alforria prévia e incondicional (SKIDMORE, 1989, p.30-31).

O episódio em que Zé Meleca, o capanga do Coronel Jovelino, havia matado um dos Zicas, a mando do coronel – que há muito desejava possuir as terras dos negros –, em plena luz do dia, diante de todos, explicita o desejo de revanche dos negros. Conforme diz Celia Maria Azevedo, em *Onda negra, medo Branco – O negro no imaginário das elites século XIX*, os abolicionistas formulavam projetos de integração social “do ex-escravo, prescindindo-se daqueles longos períodos de transição com trabalho compulsório do liberto ou servidão de gleba, previsto pelos emancipacionistas como a única forma de evitar o revanchismo do negro e sua forma desordenada pelos campos” (Azevedo, 2004, p. 82-83). No entanto, em *Becos da memória*, o revanchismo não se concretiza, apenas povoa os pensamentos dos negros.

A narração oscila entre primeira e terceira pessoa, sendo que a narradora-personagem, Maria-Nova, introduz a narrativa e depois cede espaço para um narrador onisciente, que muitas vezes dá lugar ao discurso direto da personagem que teve sua história introduzida. Esse último é um recurso que a autora utiliza para tornar o texto mais próximo do leitor.

O enredo apresenta não somente a história dos negros que, mesmo após a abolição, continuavam sendo escravizados, mas também a vida e o sofrimento das personagens que habitam uma favela que passava por um processo de demolição. São histórias de miséria, fome, prostituição, roubo e violências: mulheres e crianças sendo espancadas, algumas até a morte; filha abusada pelo próprio pai; mulheres que abortam, voluntária e involuntariamente; entre outras. A favela era um ambiente hostil e desumano. As pessoas viviam em meio à sujeira, e muitos passavam fome. A narradora em alguns momentos compara a favela à senzala e vê o bairro nobre vizinho como se fosse a casa-grande.

Maria-Nova, narradora-personagem, encontra na escrita uma forma de fazer “homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela (a Outra), a ela que nunca conseguiu ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos da minha memória”(EVARISTO, 2013, p. 30, os

parênteses são meus). A narradora homenageia também as lavadeira e algumas das personagens do enredo.

Fuinha despertava o medo em Maria-Nova. Fuinha era mau, insensível, violento e desumano. Agredia a mulher e a filha. Tirava a roupa das duas e batia nelas até sangrarem. Batia por nada. Um dia a mulher apareceu morta. O marido havia batido nela até matá-la. Os vizinhos ouviram as duas gritarem desesperadamente, no dia anterior, mas ninguém teve coragem de tomar uma atitude. Cito:

Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha. (EVARISTO, 20013, p. 112-113)

A história de Nazinha também impressiona e causa asco. Ela era uma criança da mesma idade de Maria-Nova. Sua mãe, casada com um homem revoltado e bêbado, vendo os filhos passarem fome, vende a filha para ser mulher-objeto do homem que se dispôs a comprá-la: “Nazinha sentia dor, sangue, sangue, sangue... Era como se a vida estivesse lhe fugindo, a começar por aquele ponto entre as pernas. O homem tapou-lhe a boca e gozou tranquilo” (EVARISTO, 2013, p.58). A mãe vendeu Nazinha porque acreditava que talvez assim a filha teria um futuro menos pobre, sem grandes dificuldades financeiras.

As demais personagens também vivem o sofrimento inerente aos que viviam em uma favela e ainda o desamparo do desfavelamento, que dava aos moradores uma indenização irrisória, com a qual era quase impossível recomeçar a vida em outro lugar. Alguns acabavam virando mendigos.

A escrita de Conceição Evaristo traz, por conseguinte, a voz daqueles que durante muito tempo foram silenciados: os afrodescendentes. Não se restringe aos valores culturais, aborda os problemas políticos e sociais através da memória individual e coletiva. Essa obra apresenta as características comuns à literatura afro-brasileira: os sentimentos profundos do negro, tanto das personagens, quanto da escritora, que disse “construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência” (EVARISTO, 20013, p.11); rememora um passado coletivo; conta uma nova história, do ponto de vista de uma autora que é mulher negra; reverte imagens

pejorativas sobre o negro, como o episódio da empregada doméstica Ditinha que cai na tentação de roubar o broche de esmeralda da patroa, e depois se vê desesperadamente arrependida. *Becos da Memória* tem a função de

“conscientizar, de comunicar o verdadeiro sentimento do negro, de afirmar a identidade da negritude, de evidenciar uma intencional atitude de resistência; fornecer uma visão do negro livre de estereótipos através dos quais a literatura tradicional sempre os retratou; vencer o sufoco do silêncio ‘imposto’; dar voz aos ‘homens invisíveis’; ser porta voz de uma realidade; (...) denunciar e protestar contra as situações de discriminação”.(SANTOS; WIELEWICKI, 2009, p. 346)

Torna-se claro, portanto, que a narrativa de Conceição Evaristo transgride a imagem e a cultura do negro, antes abordada pelo cânone. Constitui uma literatura consistentemente afro-brasileira, visto que reflete a busca da identidade e da resistência do negro no Brasil; resgata a ancestralidade africana e ainda reivindica um lugar para a escritora negra, desconstruindo a ideia de literatura como *instituição* branca ou europeia. É, sem dúvidas, uma escrita que se enquadra no que Nancy Fraser e Linda Nicholson (*apud* COSTA, 2000, p.68) chamariam de “feminismo pós-moderno”, visto que denota uma “identidade social mais plural e mais complexa, onde o gênero aparece como somente um dentre muitos outros elementos, tais como raça, classe, etnia, idade e orientação sexual”. A autora, nessa narrativa, faz emergir significados que, por tanto tempo, estiveram ocultos na literatura, reavaliando a posição do negro como sujeito social e cultural. Assim, a escrita de Conceição Evaristo desafia e subverte a condição superficial que até então, a sociedade e a literatura reservaram para o negro.

Referências

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX*. 2ª Edição. / Celia Marinho Marinho de Azevedo. São Paulo: Annablume, 2004.

CAMPELLO, Eliane T. A. *Uma jornada pelos ‘Becos da memória’, de Conceição Evaristo*. Anais do XIV Seminário Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura 01, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/HNzkc3>. Acesso em: 12 mai. 2015.

COSTA, Cláudia Lima. O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo: As (in)determinações da identidade nas (entre)linhas do contexto. In: PEDRO, Joana Maria

e GROSSI, Miriam Pillar. *Masculino Feminino Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

DUARTE, Constância Lima. Violência de gênero nos contos de Conceição Evaristo. In: *Literatura, vazio e danação*. Org. Osmar Pereira Oliva. Montes Claros, MG: Unimontes, 2013.

_____. Gênero e violência nos contos de Evaristo. In: *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Org. Claudia Maia e Vera Puga. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Mulheres marcadas*: literatura, gênero e etnicidade. In: BOLAÑOS, Aimeé G. e BENAVENTE, Lady Rojas (orgs). *Voces negras de las Américas: diálogos contemporâneos*. Rio Grande: Editora da FURG, 2011.p. 163-175.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 2ª Ed. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2013.

SANTOS, Celia Regina dos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatira de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Org. Thomas Bonnici e Lúcia OsanaZolin. Maringá, PR: Eduem, 2009.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*; tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.